EVENTO CONSTRUCIONANDO VIII

MARIA GABRIELA MANTAUT LEIFERT

Instituto Noos, São Paulo, SP, Brasil

Evento da NPS e do Instituto Noos - Construcionando VIII - Qual o tamanho do "social" quando falamos sobre construcionismo social? Com a convidada Sheila McNamee, nos dias 18 e 19 de outubro 2024.

"Para se apaixonar é preciso estar distraído"
Clarice Lispector, 1984

O Construcionando de 2024 se pautou por dois dias de trabalhos imersivos na discussão teórica e prática sobre a terapia como construção social. A feliz escolha do local do evento, o Colégio Santa Cruz, além de ter uma estrutura impecável para a realização de palestras, está localizado em um ambiente tranquilo e acolhedor; foi um cenário que abraçou de forma muito confortável esses dias de trabalho e estudo.

Ancorados por palestras e reflexões da Sheila McNamee, as conversas nos conduziram pela ideia de que nossa prática profissional não é neutra e que o exercício da terapia é sempre um ato político. Saímos processando nosso dever como terapeutas de promover espaços dialógicos que ampliem as conversas para que múltiplas visões de mundo possam surgir.

Inspiradas pelas provocações da Sheila, as reuniões em pequenos grupos reverberaram a visão de mundo e postura da palestrante, mostrando profunda sintonia com aquilo que estava sendo exposto. Dava vontade de continuar conversando no pequeno grupo, na medida em que várias gerações de profissionais comentavam sobre suas práticas clínicas. Com muito prazer, participamos de um diálogo profundo e conectado com todos os presentes. Apreciamos também a possibilidade de adquirir o livro organizado por Sheila e os coordenadores do evento, Emerson Rasera e Pedro Martins, "Praticando a terapia como construção social", pois nos dá a possibilidade de retomar a leitura de tudo aquilo que foi apresentado pós-evento. Sem esquecer de nomear a contribuição preciosa da também coordenadora Helena Maffei, que tornou possível a realização desta jornada.

O Construcionando tem como prática apresentar projetos sociais locais a fim de enriquecer o debate. A escolha dos trabalhos expostos foi muito feliz, pois revela a criatividade e perseverança em nossas ações sociais, mostrando profundas conexões com os temas apresentados. Vale ressaltar que estes trabalhos são artigos publicados na revista Nova Perspectiva Sistêmica, e que podem ser lidos na íntegra nas edições anteriores.

Maria Fernanda Teixeira da Costa apresentou "O Pão do Povo: Promovendo colaboração e diálogo entre os participantes de um projeto social". O coordenador desse projeto, que tem como colaboradores pessoas em situação de rua e ex-usuários de drogas, fez um convite a Maria Fernanda para ajudá-lo nos conflitos e dificuldades do grupo na convivência diária no projeto. Para tanto, ela propôs 5 rodas

de TCI (Terapia Comunitária Integrativa) a fim de dar voz aos temas emergentes no grupo. A partir dessas rodas de TCI, o grupo pode co-construir um espaço dialógico, que possibilitou a negociação de novas estratégias de apoio e cuidados mútuos, bem como o aprofundamento dos vínculos. O trabalho deu tão certo que ela foi chamada novamente quando o grupo foi convidado para ir a Roma conhecer o trabalho da Fábrica do Pão e fazer uma visita ao Papa. Naquele momento, o pedido consistia em co-construir as ferramentas necessárias para que eles fizessem sua autogestão durante a viagem. O grupo conseguiu dar voz a seus propósitos ao organizar seus recursos a fim de acolher as necessidades que se fizeram presentes; para fortalecer seus laços, confeccionaram um amuleto, que os acompanhou durante viagem. Isso mostra a força criativa e a perseverança que a ação grupal nos dá, um gesto compartilhado ganha força, pois conecta e dá sentido para todos os participantes. Ao observar esse trabalho, percebemos como, com pequenas ações locais, podemos mudar a realidade de pessoas que se encontram em situações de extrema vulnerabilidade. A Terapia Comunitária Integrativa de Adalberto Barreto, que tem como objetivo estimular a ação coletiva para fortalecer a comunidade rumo a sua autonomia, pareceu-nos uma potente estratégia de mudança, diálogo e compromisso. Desse modo, podemos compreender a TCI como uma construção social, na medida em que gera novas realidades mais engajadas e participativas, pois promove democraticamente cidadania e inclusão.

A apresentação de Paula Ayub, "Promovendo práticas socialmente justas através do diálogo", foi um show de ativismo terapêutico. Vemos a trajetória de Paula, há 35 anos trabalhando com crianças e jovens neuroatípicos, e ficamos encantados com a criatividade, respeito e dedicação que ela investe nesse trabalho.

Paula se dedicou ao longo destes anos a treinar, incentivar, formar grupos de pertencimento, conectar famílias e pessoas para melhor compreender e lidar com as vicissitudes dessa condição. Autismo não é uma doença, é uma condição, portanto, a luta por direitos e inclusão também faz parte da rotina de quem trabalha nessa área. Muitos exemplos foram dados no sentido de ver além do rótulo; no passado, quando se dizia que os autistas não se comunicavam, Paula conseguiu ver além e perceber que sim, havia formas de comunicação, mas que eram diferentes das dos neurotípicos. Aprender uma nova língua foi o que ela se propôs, principalmente a escutar de uma maneira diferente. A partir de uma escuta de superlativos, sem comparações, de acolhimento e criativa, conseguiu estabelecer um contato genuíno com essas crianças para poder junto com suas famílias atender melhor às suas necessidades.

Paula por diversas vezes agradece o apoio e a parceria do Instituto Noos, na figura da Helena Maffei, que incentiva e participa dos diversos projetos de grupo envolvendo famílias e jovens de forma gratuita. Helena sempre esteve ao lado de Paula como mentora e apoiadora das suas iniciativas.

Esses dois trabalhos apresentados foram muito representativos para ilustrar, na prática, esse encontro com Sheila. Ela externalizou sua gratidão por poder conhecer estas ações e partilhar reflexões.

A escolha do trabalho teórico apresentado pelo grupo de Roberto Costard, Denise Araujo, Lolo Polati e Alessandra Patricio, intitulado "Entrelaçando os conceitos de Diálogo Aberto, Interseccionalidade e Etnopsiquiatria para atenção em Saúde Mental", ofereceu a oportunidade de aprofundar as reflexões sobre temas que são pouco vistos e abordados em congressos. Racismo, discriminação, opressão e marginalização da saúde mental são temáticas muito vividas no cotidiano dos serviços de saúde, mas pouco debatidas. Abrir o véu sobre esses assuntos nos coloca diante de uma realidade que pode e deve ser enfrentada. Seguem algumas frases que chamaram nossa atenção:

> "Como viabilizar o invisibilizado, as pessoas não são invisíveis são invisibilizadas".
>
> "Devemos pensar a terapia como um ato político, promovendo a descolonização do nosso trabalho, das interações e da compreensão das nossas experiências e dos outros"
>
> "É nosso dever, enquanto terapeuta, focar na criação de oportunidades para novas conversas e valores, em uma relação ética de potencial discursivo coordenando múltiplas ordens morais sem julgar diferenças." (McNamee, Rasera, Martins, 2024)

Todas as conversas foram contempladas pela voz dos integrantes da equipe do Construcionando, Adriano Beiras, Carla Guanaes-Lorenzi, Marilene Grandesso e Rosana Rapizo, que em muito contribuíram, fazendo reflexões e considerações pertinentes sobre os diversos momentos do debate, trazendo luz a novos aspectos importantes para a reflexão, tanto do tema central como dos trabalhos apresentados. Participaram também da facilitação das salas de conversa nos pequenos grupos.

A seguir, gostaríamos de pincelar algumas considerações que consideramos relevantes sobre o conteúdo da palestra de Sheila, que, como já mencionamos, tiveram profunda conexão com aquilo que foi vivido no evento como um todo. No início, as comunidades eram mais ou menos contidas e isoladas, elas podiam negociar códigos de convivência para estar junto, os deslocamentos entre pessoas e o fluxo de informação se davam de forma mais lenta, possibilitando a adaptação nas comunidades locais. Essas condições criavam meios de autorregulação, não sendo necessária a criação de um código de ética abstrato.

Na atualidade, vivemos em uma sociedade complexa, com acesso à diversidade, provocado pela globalização, pelo intenso desenvolvimento científico e tecnológico, e pelo uso crescente da tecnologia da informação que questiona tradições e promove tensões. Nos dias de hoje não podemos criar um único código de ética, ele tem que ser sensível à diversidade e complexidade em que vivemos.

Sheila McNamee, portanto, nos convida a pensar na compreensão de ética como um fenômeno social e relacionalmente construído. Ela argumenta que, embora as compreensões éticas sejam em grande parte transmitidas como verdades inquestionáveis, ocupando o que passamos a descrever como discursos macrossociais, o que é considerado ético também é trabalhado em cada encontro clínico, ou seja, em um nível micro. Essa proposta reconhece que discursos macrossociais podem produzir sofrimento, e oferece aos terapeutas a possibilidade de abordar esses desafios nos micros processos de conversações terapêuticas, em uma postura de co-construção e colaboração, a fim de promover novas possibilidades alternativas. Portanto, essa relação recursiva é central para uma prática eticamente orientada. A mudança de uma compreensão tradicional da ética para uma compreensão relacional requer uma mudança de foco de ações e questões isoladas e específicas para os processos interativos. Essa mudança é mais uma postura assumida do que uma técnica ou método empregado (Mc Namee, Rasera, Martins, 2024).

Assim, praticar a ética relacional não se trata de impor nossos valores para nossos clientes, mas de oferecer recursos através de perguntas que questionem suas certezas para ampliar sua visão de mundo, cocriando alternativas que podem ser mais integradoras. Nosso foco é criar novas formas de compreender a diversidade, mas que permitam que continuemos conversando. Temos a possibilidade de, juntos, criar novos significados ou entendimentos. O fato central da ética relacional é

o entendimento, e não o acordo ou a concordância. Quando focamos no certo e no errado, acabamos com a conversa; o convite é para continuar a conversa a fim de criar um novo entendimento. "O significado está sempre a caminho".

Para finalizar, Sheila nos deixa algumas perguntas para reflexão e é com esses questionamentos que encerramos este texto, na intenção de abrir diálogos internos e reflexões que promovam uma prática clínica mais inclusiva engajada e orientada para a mudança.

- O que você acha que pode fazer para expandir os discursos com as pessoas que você trabalha? Como evitar impor os seus valores?

- Como você pode usar seus recursos para expandir o potencial discursivo dos clientes?

REFERÊNCIAS

Ayub, P. (2024) Promovendo práticas socialmente justas através do diálogo. *Nova Perspectiva Sistêmica, 33*(78), p.28-40. https://www.doi.org/10.38034/nps.v33i79.799

Costa, T. M. F. ; Grandesso M. (2023) Cuidando do "Pão do Povo": Promovendo colaboração e diálogo entre os participantes de um projeto social. *Nova Perspectiva Sistêmica, 32*(77), p 23-37. https://www.doi.org/10.38034/nps.v32i77.761

Mc Namee, S. ; Rasera, E. F; Martins , P. (2024) *Praticando a Terapia como Construção Social*. São Paulo: Instituto Noos.

Patricio, A.; Araujo, D.,M., M; Costard, R. R.; Polati, R. R.;. (2024) Entrelaçando os conceitos de Diálogo Aberto, Interseccionalidade e Etnopsiquiatria para atenção em Saúde Mental. *Nova Perspectiva Sistêmica, 33*(79), p.17-30. https://www.doi.org/10.38034/nps.v33i79.799

MARIA GABRIELA MANTAUT LEIFERT

Psicóloga Clínica, Terapeuta de Casal e Família, Terapeuta Intercultural, Mediadora e Membro da Equipe do Instituto Noos.
https://orcid.org/0000-0002-6086-2302
Email: mgmleifert@gmail.com